

brasil

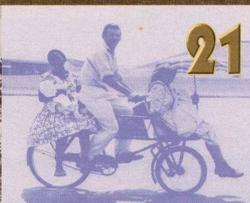
NÚMERO ESPECIAL DE

21 4 60



a cidade nasce pra todos

REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL



21 4 2002



número 18 2002



GDF

Governo do Distrito Federal



Secretária
de Cultura

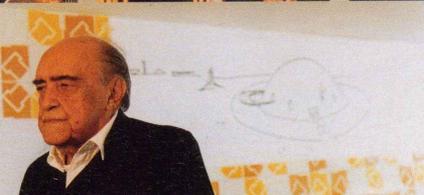
Arte Por Toda Parte



TE O PERIGO EXTERNO E PARA PRESERVAR A
TEGRIDADE DA CAPITAL NA UNIDADE DO
S, JOÃO FERNANDES VEIRA, NOS MEADOS
SÉCULO XVIII, SUGERE A ESCOLHA DE DUAS
GIÕES "AS MAIS LONGES DO MAR" PAR
E DOS HABITANTES DE PERNAMBUCO O MAR
ES DE POMBAL, POR 1761, PENSA EM ERGUER
SERTÃO UMA CIDADE, NÃO APENAS CAPITAL
COLONIA, MAS DO REINO, A MEIO CAMINH
AFRICA E DAS ÍNDIAS, NA ROTA DAS L
S VITAIS DO SEU COMÉRCIO. QUANDO, E
A FAMÍLIA REAL EMIGRA PARA
IL VARIOS CONSELHOS HAVIAM SIDO EN



Luiza Dornas, Joaquim Roriz, Oscar Niemeyer e Tadeu Felipelli



Oscar aponta para o local do museu, foto de Alex Panlago

Um conjunto que será uma síntese da cultura

As novas gerações terão a chance de sentir o sabor de Brasília se fazendo como cidade nova com as obras do Conjunto Cultural da República, complexo projeto que vai concluir os espaços da Esplanada dos Ministérios desde a concepção original de Lucio Costa e Niemeyer na década de 60. A cerimônia que deu início ao processo aconteceu no último 25 de março, com a vinda de Oscar Niemeyer, do Rio de Janeiro, para a assinatura da ordem de serviço para a licitação de quem vai construir inicialmente um museu nacional e uma biblioteca nacional. Pelo projeto de Niemeyer, que o governador Joaquim Roriz anuncia sentir orgulho de dar partida, o Conjunto Cultural da República terá seis prédios nos setores culturais sul e norte. As obras começam pelo museu, situado na Asa Sul, ao lado da Catedral. A Biblioteca Nacional ficará na altura do que foi anteriormente o Gran Circo Lar. Do lado norte, completando o setor onde o Teatro Nacional se encontra, serão erguidos um centro musical, um conjunto para cinemas e outros edifícios para espetáculos. O museu terá uma grande cúpula com sete metros de diâmetro. Segundo o arquiteto, "parece-me estar vendo o público, os visitantes estrangeiros principalmente, a subir a grande rampa de entrada, sem imaginar o espetáculo arquitetural que os espera". Os recursos para o Conjunto Cultural da República virão do GDF e do Programa Monumenta, parceria do Ministério da Cultura com o Banco Interamericano de Desenvolvimento. O governador Roriz declarou, no concorrido lançamento da licitação, que sempre teve a obra e a pessoa de Oscar Niemeyer na conta de gênerais e que o projeto do arquiteto passa a ser uma das prioridades do seu governo.

O Espírito de Brasília vivo e agora

Ainda sob o impacto e o entusiasmo causados pela presença de Oscar Niemeyer na cidade, deparamo-nos com mais um aniversário de Brasília. A visita do arquiteto em março último, quando veio para a assinatura da ordem de serviço que dará partida à licitação das obras do Conjunto Cultural da República, convidado pelo governador Joaquim Roriz, foi motivo de interesse geral. Mais uma vez a arquitetura de Niemeyer confirma e corresponde à grandeza da obra política de JK. A história da cidade, tão recente, é cheia de ricos detalhes, heróicas narrativas, falas, polémicas, questões próprias e imagens inusitadas. Podemos lembrar de histórias que contam o esforço dos candangos trabalhando sem interrupção nos poucos três anos e meio em que a cidade ficou pronta para ser a nova capital administrativa do país, ou das mais diversas aventuras humanas para que cada um se tornasse habitante legítimo de uma cidade que convocava a maior generosidade por parte dos brasileiros.

Essas histórias, com seus traçados, rotas e planos, são indelévelis; basta buscar um caminho para que a descoberta se faça. Uma consulta aos livros e jornais, uma fotografia, um documentário cinematográfico ou, o que é mais comovente, a palavra viva de quem viu a cidade se erguer do barro, da poeira e do trabalho, tudo vale. Como é visível a competência da equipe que enfrentou e superou o desafio imposto pela complexa operação de mudança da capital e de fundação de uma cidade riscada pela invenção, ousadia e perigos!

O que nos entusiasma é que o tão citado Espírito de Brasília, dos dias de construção e inauguração, prevalece até hoje.

Não só porque há muito a ser feito, como atesta a própria importância fundamental do fabuloso Conjunto Cultural da República, que vai completar o projeto urbanista de Lucio Costa e a arte concreta de Oscar Niemeyer, mas também porque os vários setores sociais ainda carecem de recursos e aprimoramento objetivando a melhoria de vida do brasiliense. O espírito de Brasília é ser a cidade-laboratório, a cidade-síntese, a cidade-inspiração que, em sua busca, em sua vibrante jovialidade, tem princípios e políticas. A cultura, as artes, a invenção e a criação não poderiam ser negligenciadas. Nunca é demais lembrar a máxima do crítico Mário Pedrosa em ensaio famoso, afirmando: "Brasília é, na essência, uma obra-de-arte que se constrói. Edificar a cidade nova é a maior obra-de-arte que se possa fazer neste século".

Ano passado comemoramos o centenário de um herói cujo nome é fundamental para a história de Brasília, o engenheiro Bernardo Sayão. Este ano é voltado para o centenário do fundador da cidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Ambos deixaram marcas de suas determinações e bravuras, com repercussão viva até os nossos dias.

Aos 42 anos, Brasília tem vida cultural própria; é dotada de instalações grandiosas, de projetos fundamentais, de caminhos inovadores, de artistas renovados. É esta a nossa Brasília, a cidade que aponta para a reflexão e a beleza, para o debate e o diálogo, para a lucidez e a inovação, que nos permite cidadania, vida cosmopolita e pacífica e que nos convoca para os parabéns mais sinceros e amplos. E uma das formas de parabenizar esta cidade de todos os brasileiros e de todos os brasilienses é recordando os dias que constituíram sua primeira grande vitória real, a de sua fundação naquele abril de 1960.

Maria Luiza Dornas
SECRETÁRIA DE CULTURA

esboço de Niemeyer para o Planalto

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Joaquim Domingos Roriz
GOVERNADOR

Benedito Augusto Domingos
VICE-GOVERNADOR

Maria Luiza Dornas
SECRETÁRIA DE CULTURA

Áurea Ervilha
SECRETÁRIA-ADJUNTA DE CULTURA

Publicação de responsabilidade
da Gerência de Divulgação da
Secretaria de Estado de Cultura

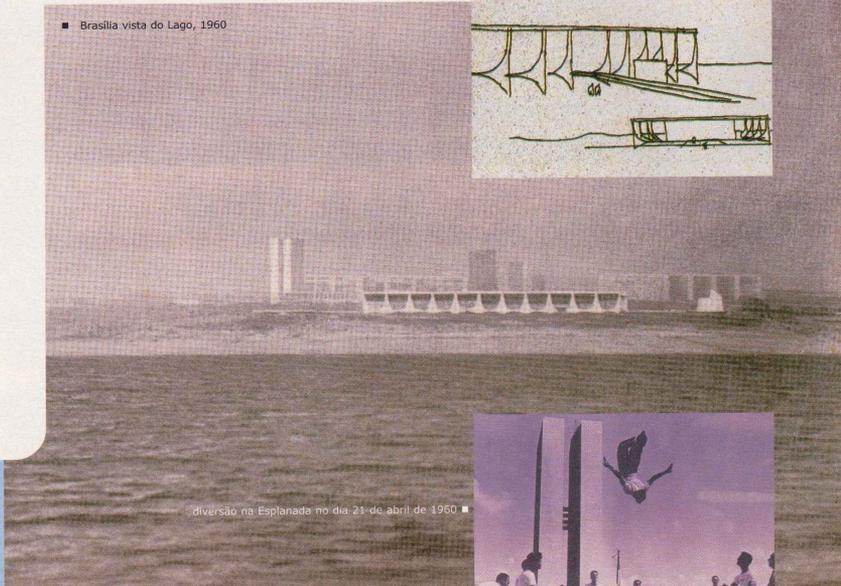
anexo do Teatro Nacional Claudio
Santoro, Setor Cultural Norte, via
N2, CEP 70041-905, Brasília, DF

0xx61 325 5204
ccd@sc.df.gov.br
www.sc.df.gov.br

capa: revista Brasília, editada pela
Novacap, em 21 de abril de 1960, fotos
do DePHA e Arquivo Público do DF; do
acervo da Secretaria de Cultura do DF;
e de André Abrahão; pesquisa de textos
realizada nos arquivos do DePHA
edição: www.mareil.pro.br
colaboração: André Ramalho Maciel
fotolitos: Colorpress; impressão: WEB

Brasília, Distrito Federal, abril de 2002

Brasília vista do Lago, 1960



diversão na Esplanada no dia 21 de abril de 1960



■ JK e comitiva deixam o Catete; Juscelino recebe as chaves de Israel Pinheiro; e, o sino de Ouro Preto, na Esplanada

Virando as novas páginas da história

Uma cidade para receber os brasileiros

Imponentes e apoteóticas foram as solenidades de inauguração de Brasília. Segundo os cálculos, 140 mil pessoas vieram de todo o país para o grande momento e a cidade já tinha os seus quase 100 mil habitantes. Os eventos duraram de 20 a 23 de abril de 1960. Em menos de quatro dias, mil aparelhos comerciais pousaram em Brasília. A cidade estava praticamente pronta e surpreendeu a todos. 700 servidores públicos e suas famílias já se achavam aqui instaladas. 3.880 apartamentos funcionais já estavam construídos e 14 deputados federais tinham seu apartamento funcional. 24 mil metros de rede de águas pluviais e 180 mil metros de rede de esgoto compunham a estrutura da cidade, já com 108 vias de ligação e acesso para o trânsito. Uma central telefônica para cinco mil linhas e vinte mesas de PABX permitiam à cidade entrar em contato com o mundo.

As datas que antecederam o grande dia

Juscelino Kubitschek de Oliveira tomou posse na Presidência da República em 31 de janeiro de 1956. Ainda quando em campanha, em abril de 1955, na cidade goiana de Jataí, foi cobrado por um eleitor da transferência da capital brasileira, prevista em três constituições e questionada ao longo de séculos. Quatro dias depois da posse, o presidente da República recebeu no Palácio do Catete uma Comissão de Planejamento e Construção da Nova Capital, composta pelo marechal José Pessoa, o senador Pedro Ludovico e o deputado Israel Pinheiro. A Comissão, ali mesmo, transformou-se em autarquia, com recursos e poderes para efetivar a construção e transferência da Capital. A primeira visita presidencial ao futuro DF foi em 2 de outubro de 1956. As construções têm início a 3 de novembro de 1956. Em 10 de novembro, o Catetinho abriga o presidente e seus auxiliares diretos. Em janeiro de 1957, trabalham em Brasília seis companhias construtoras e cerca de mil operários. No 16 de março de 57 é publicado o projeto vencedor do Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa: "será uma cidade a um tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional". Em 2 de maio de 1957, acontece o primeiro pouso noturno na capital. No dia seguinte, é realizada a primeira missa, no local em que hoje se encontra um grande cruzeiro, no Eixo Monumental. Em junho de 57, Brasília tem mais de cinco mil habitantes. Em 18 de outubro de 57, é aberta a primeira escola. Em 30 de junho de 1958 é inaugurado o Palácio da Alvorada e também o Brasília Palace Hotel. A 19 de agosto do mesmo ano, o escritor inglês Aldous Huxley visita a cidade e diz que sua viagem de Ouro Preto a Brasília foi uma jornada dramática através do Tempo e da História, "uma jornada do ontem para o amanhã". Em agosto de 1959, quem visita a cidade é o escritor francês André Malraux, Ministro da Cultura da França, que denomina Brasília de capital da esperança. 25 de março de 1960, o primeiro comboio com a mudança do governo para Brasília deixa o Rio de Janeiro. 7 de janeiro, toma posse o primeiro prefeito de Brasília, Israel Pinheiro. Em abril de 1960, a cidade já tem 1.200 estudantes matriculados em seus colégios, duas lavanderias, 30 farmácias, 35 agências bancárias, 15 restaurantes, 10 piscinas, cinco hotéis e seis boates.

Instantes de pompa e circunstâncias

dia 20 de abril - quarta

Na manhã de 20 de abril de 1960, no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, JK reuniu-se com a família, a senhora Sara Kubitschek e as filhas Márcia e Maristela e fez, junto com os membros do seu gabinete e servidores da casa, uma breve cerimônia de despedida. Ele próprio fechou a porta principal, encerrando as atividades do governo republicano na cidade do Rio de Janeiro. Faziam parte de sua comitiva o vice-presidente João Goulart, o poeta Augusto Frederico Schmidt, o coronel Affonso Heliodoro, entre outros e familiares. As 12h45 o avião presidencial chegou a Brasília. De helicóptero, ele foi direto para o Palácio do Catetinho, seu "último refúgio", de onde só sai às 17h rumo à Praça dos Três Poderes, para receber as chaves da cidade das mãos do presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e o já nomeado prefeito, Israel Pinheiro. A chave é de ouro e Israel Pinheiro, comovido, atrapalha-se para retirá-la do estojo. O prefeito anuncia: "Hoje, à meia noite, Brasília será a capital da República". O barbeiro Geraldo Fêdulo de Queiroz fala do meio do povo, desembaraçado e firme. As 19h, chega a Brasília o legado pontifício, Cardeal Cerejeira, de Portugal, recebido com honras militares. As 19h30, a primeira-dama, Dona Sarah, inaugura as instalações do primeiro jornal impresso em Brasília, o *Correio Brasiliense*, dos Diários Associados. As 23h45, num altar armado no Palácio da Justiça, o representante do Papa João 23 dá início à celebração da Missa. A cerimônia trouxe de Portugal a mesma cruz de ferro que servira para a primeira missa rezada no Brasil por Frei Henrique de Coimbra. Aos vinte minutos do dia 21, na elevação da hóstia, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais executa o Hino Nacional Brasileiro; é quando tanto o sino trazido de Ouro Preto, anunciando o momento histórico em que Brasília passa a ser a capital da República dos Estados Unidos do Brasil. O sino é o mesmo que repicou em 1752, anunciando a morte de Tiradentes. No mesmo instante, sinos tocam em outras cidades do mundo, como Viena, Lisboa e Santarém. Um dos celebrantes é o bispo Hélder Câmara. A cidade, antes às escuras, enche-se das luzes dos holofotes estrategicamente dispostos na Praça dos Três Poderes. Um coral renascentista, de Minas Gerais, entoa *A Missa da Coroação*, de Mozart. É o momento em que JK se emociona às lágrimas, perpetuado em foto. Após a missa, o Cardeal Cerejeira dá a bênção à nova capital e a seguir, pela Rádio Vaticano e por várias emissoras brasileiras em rede com a Agência Nacional, ouve-se a saudação ao povo brasileiro feita pelo Papa João 23. A cerimônia encerra-se com um *Te Deum*. A noite de 20 para 21 é cheia de festas espontâneas por parte dos operários, engenheiros e visitantes.

dia 21 de abril - quinta

As 8h, na Praça dos Três Poderes, ouve-se o toque de alvorada pelo Batalhão de Guardas, transmitido por uma rede de emissoras brasileiras, com narração do *Repórter Esso* e logo a seguir JK hasteia o pavilhão nacional. A bandeira brasileira agora tem mais uma estrela em sua configuração. O Presidente e comitiva dirigem-se para o Palácio do Planalto, onde às 8h30 recebem os cumprimentos de 55 diplomatas e embaixadores em missão especial. As 9h30, tomam simultaneamente posse os três poderes da República. No Planalto, JK discursa diante dos ministros de estado, autoridades federais, corpo diplomático e ouve-se uma estrondosa salva de palmas. O primeiro ato do executivo é a mensagem presidencial ao Congresso criando a Universidade de Brasília. No Palácio da Justiça, é instalada

a mais alta corte do país. As 10h15, é instalada a Arquidiocese de Brasília pelo Núncio Apostólico e é dada a posse ao seu primeiro arcebispo, Dom José Newton no terreno em que será erguida a futura Catedral. As 11h30, uma sessão conjunta abre os trabalhos das duas casas legislativas, o Senado e a Câmara. JK sai carregado nos braços por vários parlamentares. As 12h45, é inaugurado o monumento comemorativo da instalação do governo federal em Brasília, o desde então Museu da Cidade, Praça dos Três Poderes, ao qual se incorpora uma escultura da cabeça de JK em pedra sabão feita por José Pedrosa. Uma inscrição reverencia a figura do fundador: "Ao Presidente Juscelino Kubitschek, que desbravou o sertão e ergueu Brasília com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na grande aventura". O poeta Guilherme de Almeida é o orador e lê a sua *Prece Natalícia para Brasília*. As 16h30, no Eixo Monumental, tem início o desfile militar, com uma revoadada de pombos, acrobacias aéreas, a passagem dos estudantes e, surpreendentemente, todos os candangos que participaram dos trabalhos, tendo à frente Israel Pinheiro e a equipe da Novacap, em suas viaturas de trabalho como caminhões, jipes, guindastes, tratores e escavadeiras ainda manchadas de lama e poeira. Aviões da *Esquadilha de Fumaça* desenharam no céu a forma do Plano Piloto. A partir das 19h30, 20 toneladas de fogos de artifício são queimadas da plataforma da Rodoviária, impressionando pelo alcance, brilho e efeito do espetáculo pirotécnico. As 21h, a festa volta à Praça dos Três Poderes, para todos os candangos e convidados, com shows de artistas do rádio e da televisão. E às 22h30, no Palácio do Planalto, Juscelino Kubitschek abre o palácio para receber autoridades, políticos, representações internacionais, num total de três mil convidados. A recepção torna-se um animado baile. A música ao vivo, tocada por saxofones e violões, é conduzida pelo maestro e compositor Bené Nunes, autor de um *Samba de Brasília*. São 150 *maitres*, 300 garçons e 106 cozinheiros. A festa vai até altas horas e, na plataforma da rodoviária, centenas de candangos e visitantes festejam até o amanhecer. Uma estranha observação no diário escrito de Juscelino sobre essa noite: "Há três anos, neste mesmo local, um lobo atravessa a frente do meu carro. Seus olhos ficaram fosforescentes à luz dos faróis. Hoje, recebo aqui três mil convidados de casaca".

dia 22 de abril - sexta

As crianças dos pioneiros são o motivo de uma festa e à frente está a mulher de JK, Sarah Kubitschek, que inaugura com o marido o Centro de Reabilitação, que levará seu nome, às nove da manhã. As 17, com a presença do prefeito Israel Pinheiro, é inaugurado o Cine Brasília, com exibição do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock e às 21h, novamente na Praça dos Três Poderes, é realizado um concerto regido pelo maestro Eleazar de Carvalho, provavelmente o primeiro concerto erudito em terras do DF.

dia 23 de abril - sábado

As 8h30, exclusivamente com carros nacionais, acontece o primeiro circuito automobilístico de Brasília. As 14h, uma regata no Lago Artificial de Brasília, como era conhecido o Lago Paranoá, com barcos das classes *snipe* e *pinguim*. As 21, na Esplanada, com roteiro do escritor Josué Montello, da Academia Brasileira de Letras, é encenada a *Alegria das Capitais*, uma representação cênico-musical com músicas de Villa-Lobos e Hechel Tavares, direção de Chianca de Garcia. São mais de 1.200 atores encenando fatos históricos das três capitais brasileiras, no primeiro grande espetáculo que se representou em Brasília.



■ Guilherme de Almeida no marco histórico



■ primeiros alunos de Brasília



■ euforia no 21 de abril



■ festa na Esplanada

BRASÍLIA

21 ABRIL 1960

capa do programa oficial de inauguração de Brasília



Brasília foi polêmica nacional e internacional desde qualquer uma das origens que se tome como referência histórica. No Brasil Colonial, no Brasil Império, na República em suas várias fases, os ideais e projetos de mudança da capital para o interior foram discutidos. O jornalista carioca Carlos Lacerda afirmava que Brasília seria, em poucos anos, "a mais espetacular ruína do mundo". O arquiteto francês Le Corbusier em 1962 reconhecia que "o que há de mais importante em Brasília é a aliança de três figuras: a do arquiteto, a do urbanista e a do governante, sem a qual as coisas não acontecem". Muitos vieram conferir a cidade ainda em obras, de imperadores a mascates, de arquitetos e críticos de arte a fanáticos religiosos. De uma enorme lista de nomes conhecidos, poderíamos lembrar do Imperador etíope Haile Selassié, do presidente norte-americano Dwight Eisenhower, do cineasta Frank Capra, dos intelectuais franceses Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, e André Malraux, do então revolucionário cubano Fidel Castro, da Duquesa de Kent, do ator Roy Rogers, do jornalista Assis Chateaubriand e do romancista português Ferreira de Castro. À inauguração da cidade estiveram presentes personalidades como Dom João de Orleans e Bragança, as socialites Lourdes Catão, Cristina Lacerda, Olivia Tarnowska, Ruth de Almeida Prado, os empresários Roberto Marinho e condessa Pereira Carneiro, o jornalista Samuel Wainer e Danuza Leão, além dos ministros de estado, políticos, funcionários e trabalhadores e centenas de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas. A seguir, um pouco das anotações que marcaram o primeiro dia definitivo da história de Brasília.

Um sentimento maternal

"Nunca hei de esquecer que, a 21 de abril de 1960, em Brasília, contemplando a cidade que estava sendo inaugurada, minha mãe alongou o olhar para o horizonte recortado de edifícios de concreto armado, e fez este reparo, com o orgulho generoso que as mães sabem ter: Só mesmo Nãoô seria capaz de realizar tudo isto!". (JK, em *Por Que Construí Brasília*).

Refúgio no Catetinho

"O dia seria, pois, uma sucessão de emoções profundas. Assim, ao desembarcar em Brasília, refugiei-me no Catetinho. Fora dali que comandara a grande batalha da construção da nova Capital e ali buscava refúgio, no seu último dia. Tudo era quieto na modesta casa de madeira, erguida antes que existisse até mesmo o traçado da cidade. Uma brisa, soprando do norte, sacudia as cortinas de algodão, confeccionadas não com qualquer preocupação decorativa, mas como um recurso contra a violenta claridade do planalto. Sentel-me num desvão da varanda. Em torno, estendia-se a cidade que, num esforço quase sobre-humano, conseguira construir em três anos e meio. O céu era o mesmo da minha primeira visita ao local, no dia 2 de outubro de 1956 - céu imenso, desdobrado de nuvens coloridas, como se refletisse o esplendor da metrópole que se abria no chão". (JK, em *Por Que Construí Brasília*).

A contemplação maravilhada

"Enquanto o automóvel avançava, eu observava o esplendor do que me cercava. Apesar de haver acompanhado o andamento daquelas obras, dos alicerces até o assentamento da cumeeira, tudo me parecia novo. Estava

Contrastes de um dia épico

habitado a ver Brasília na sua roupa de trabalho - homens de botas e macacão, com enormes chapéus, protegendo-se contra o violento sol do planalto. O que se me antolhava agora era um espetáculo diferente. A metrópole deixara sua indumentária de serviço, para acolher centenas de milhares de visitantes. Naquele dia, 50 mil viaturas rodavam pelas ruas, exibindo placas de todos os Estados da Federação e de muitos países da América Latina. Nos últimos dias, antes da inauguração, ninguém dormira em Brasília. Empreiteiros, operários, autoridades da Novacap empenhavam-se na conclusão das obras que lhes competiam, trabalhando vinte horas por dia. E faziam-no, não porque alguém os obrigasse, mas por espírito de cooperação. Era a mística de Brasília", que atuava no espírito daqueles milhares de pioneiros." (JK, em *Por Que Construí Brasília*).

Com chave de ouro

"Hoje à meia-noite Brasília será a Capital da República. Há cento e setenta e um anos a transferência era sonho patriótico dos inconfindentes. Há setenta anos passou a ser preceito constitucional. Há quatro anos, V.Exa. dava início à concretização do sonho secular com a Mensagem de Anápolis. Há três anos e meio, V.Exa., senhor Presidente Juscelino Kubitschek, em 2 de outubro de 1956, pisava pela primeira vez as terras do Planalto e iniciávamos a batalha de Brasília. Neste momento, os soldados dessa grande e dura peleja aqui se encontraram reunidos, em posição de sentido, para entregar ao seu comandante, V.Exa. Senhor Presidente, a chave da cidade de Brasília". (o prefeito Israel Pinheiro discursando ao entregar as chaves da cidade a Juscelino Kubitschek).

O trabalho dos candangos

"Trabalhou-se aqui, em três turnos, durante todas as horas do ciclo da Terra em redor do sol. O nosso sol era a Cidade que íamos todos construindo, levantando, erguendo. Um sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança; estava, porém, invisível quando aqui cheguei com uns poucos colabores, no dia dois de outubro de 1956, à grande planície vazia, onde só encontramos, como sinal de presença do homem civilizado, um cruzeiro que a Comissão Demarcadora de Fronteiras mandara erguer em sinal de passagem. Brasília começou nesse momento a delinear-se em nossos espíritos. Fostes candangos, com o vosso trabalho, os operários do milagre". (discurso de JK ao receber as chaves das mãos de Israel Pinheiro).

Bandeira com 22 estrelas

"Cabe-me a honra de içar, neste momento, a Bandeira Nacional. Faço-o com emoção que dificilmente poderia exprimir. Sinto agora a mesma vibração, o mesmo tremor que sentem todos aqueles que estão praticando o mesmo gesto nos quatro cantos da Pátria. Meu pensamento volta-se, neste instante, para as novas gerações que hão de recolher o fruto dos nossos trabalhos e encontrar um Brasil diferente que encontramos, um Brasil integrado no seu verdadeiro destino. Diante da Bandeira Nacional, com as suas 22 estrelas, saúdo os pioneiros, os que lutaram". (JK discursando no hasteamento da bandeira).

Palavras definitivas

"Neste 21 de Abril, consagrado ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao centésimo trigésimo oitavo da Independência e septuagésimo primeiro da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil". (JK discursando no Palácio do Planalto).

■ Jk chora na missa de 20 para 21 de abril de 1960

■ o Eixo Rodoviário na inauguração



fotos aéreas do Plano Piloto, por André Albuquerque, em março de 2002

na terra do sol

Lágrimas, êxtase e poeira

"Durante as solenidades da inauguração de Brasília, todos se surpreenderam com o fato de que eu estava em toda parte. E nunca cheguei atrasado a qualquer compromisso oficial. No desdobramento do programa de festividades, resisti aos muitos motivos e ocasiões para me descontrolar emocionalmente. Contudo, as lágrimas só me venceram mesmo durante a missa campal na Praça dos Três Poderes. Em diversas oportunidades, senti a garganta seca e os olhos úmidos, mas se um amigo mais íntimo me fazia uma observação, desculpava-me." É a poeira? Naquele dia, vivi, realmente, quase em êxtase. Eram tantas as demonstrações de carinho que só por bondade de Deus para comigo pude fazer face ao impacto de tanta magnitude." (JK, em *Por Que Construí Brasília*).

O cronista oficial

"Homens de todas as partes deste Brasil, a pé, a cavalo, de carros de boi, de carroças, de caminhões, de jipes, de automóveis, de lambretas, de avião. Comendo fora de hora, dormindo em veículos, em praças, em avenidas, em matos rasteiros. Homens perfeitos e homens alejados. Mensagens de todo o Brasil e de todos os Continentes. Jornalistas, fotógrafos, cinematografistas de não sei quantas partes do mundo. Vezes sem conta o Presidente com os olhos úmidos. Soldados. Camelôs e mascates. Ministros, embaixadores, clérigos e candangos confundindo-se numa só massa. Barracas e tabuleiros. Calma e aboação. Vibração e lucidez. Queixas e elogios. Bênçãos e praguejamentos. Exaltação incôntida e incessante, à beira do delírio, por onde passasse o Presidente, que tornou realidade o sonho, palpável o impalpável, visível o invisível, sentido o imaginado. Na noite de vinte de abril, à porta do Palácio da Alvorada, um Governador - Juraci Magalhães - um Poeta - Augusto Frederico Schmidt - e o escritor destas linhas, contemplávamos absortos, em silêncio, lá longe bem distante, o perfil da cidade, fortemente iluminada. E apenas o Governador falou: "... Sozinho. E sozinho!". Nada mais disse. E de tudo o que narrei, eu Antonio José Chediak, professor, natural de Três Corações, Minas Gerais, residente na rua Itu, número dez, Botafogo, Rio de Janeiro, por designação do Senhor Presidente da República, redator destes fatos, dou fé com invocação do nome de Deus. Brasília vinte e quatro de abril de mil novecentos e sessenta". (José Chediak, no livro *A Marcha do Amanhecer*)

Meta das metas

"Barca de esperança, carta de marear, rosa-dos-ventos, vela de conquista, figura de proa, bandeira de popa, torre de comando, estrela do marante, porto de destino, âncora de firmeza, portal do sertão, corda de arco, ferpe de flecha, doutrina da taba, foice de desbravamento, clareira na selva, clarinada no êrmo, bateia de garimpo, diadema de esmeraldas, crizol de raças, ara de liberdade, trono de império, barrete frígio, toque de alvorada, meta das metas: vive por nós!". (Trecho final da *Prece Natalícia de Brasília*, dita pelo poeta *Guilherme de Almeida* na inauguração do Museu da Cidade, dia 21 de abril de 1960).

Escândalo chique

"Nunca verei um espetáculo mais chique do que a inauguração de Brasília. Esse dinâmico encontro da rua sem calçada com o sapato de Dior, essa cinematográfica confraternização de cartola de Bond Street com o andaime funcional, tudo isso foi algo de maravilhoso. É claro que nem todo mundo pôde perceber esse ângulo de beleza e humor. Para os mal viajados, para os pouco esclarecidos, a poesia do contraste passa despercebida. Para esses, a falta de cortina no quarto foi motivo de escândalo. A luz fraca foi o caos. A água que saía fria da torneira era prova de que Brasília não estava pronta para ser a Capital do Brasil. É claro que eles eram minoria. Uma ruidosa minoria, talvez senadores idosos demais para saírem de seus hábitos, deputados da Oposição à procura de justificativas, jornalistas informados, gente derrotada pela fibra de um líder, dois arquitetos e 50 mil candangos. Esse grupo desesperado criou histórias, divulgou que nos dias de inauguração haveria fome, que pontes no caminho estavam caindo, que o tráfego aéreo era perigoso, que ladrões internacionais preparavam-se para o assalto, que o vento provocava poeira, a chuva fabricava lama. Chegaram a supor que o Congresso seria isolado por falta de comunicações, que o Banco do Brasil seria inoperante, que a Justiça estava desaparecida e, talvez, a Assembléia se revoltasse... Repito que nunca mais verei um espetáculo mais chique do

que essa inauguração de Brasília. Se Brasília fosse inaugurada sem andaime, sem candango, sem pequenas imperfeições e, sobretudo sem a sagrada poeira provocada pelos tratores e as picaretas, nós não poderíamos, amanhã, contar aos nossos filhos que vimos o sonho nascer. Teríamos entrado numa casa fria e pré-fabricada. Nossa participação teria sido nada. Eu, pessoalmente, guardei num vidrinho de farmácia um bocado de terra vermelha de Brasília, no dia de sua inauguração. Pode parecer bobagem, mas não troco isso por nada". (Jacinto de Thormes, pseudônimo de Maneco Müller, colunista da revista *Manchete*, edição especial da inauguração de Brasília).

A epopeia triunfal

"Para mim, uma coisa fundamental de Brasília e que no futuro deve ser provocada artificialmente é a poeira. Quando entramos, erguia-se na cidade uma poeira cor-de-canela. Tive, então, a idéia de que depois de aspirar essa emanção gloriosa, o sujeito ventava fogo. Todos deviam se encharcar da poeira do Planalto. O Carlos Drummond de Andrade é contra Brasília. Acompanhe o meu raciocínio: se Drummond não aceita Brasília, é um falso grande poeta... Ora, vocês admitiriam um Camões que não aceitasse o mar? Um Camões que diante do mar perguntasse: pra que tanta água? Recusando Brasília, Carlos Drummond revela-se um Camões de piscina, ou nem isso, um Camões de bacia... Eu sei que segundo os inimigos de Brasília, a beleza passa a ser uma insolência. Diante do belo, do simplesmente belo, rosnam: fascismo, fascismo. E, no entanto, o paralelepípedo mais analfabeta teria vontade de sentar no meio fio e chorar lágrimas de esguicho ante a beleza de Brasília. Brasília é a epopeia ventando nas nossas caras. Invisíveis cornetas soam por todo o território nacional. Se cada brasileiro estivesse lá como eu estive, haveria de arrancar do fundo de sua aridez de magro e de lívido a confissão total: Brasília, esta sim, é a primeira missa do Brasil". (Nelson Rodrigues, na crônica *A Derrota dos Cretinos*, publicada no *Jornal Última Hora* de 22.4.1960)

Romântico e prosaico

"Em sua edição daquele dia, o jornal inglês *The Guardian* concluiu que havia algo de 'esplendidamente romântico na construção de uma capital no meio da mata virgem'. Os jornais brasileiros colecionaram detalhes prosaicos: os cadetes da Escola Naval congestionando o aeroporto, o cabeleireiro Armando, estabelecido à Avenida Atlântica, no Rio, desembarcando com uma mala cheia de perucas para as elegantes que tentavam driblar a poeira. Um caminhão da Cofap enguiçou na estrada, com uma carga de uísque escocês e champagne. O paraltico Renato Queiroz, que saíra do Rio meses antes, percorreu 1.200 quilômetros e chegou a tempo de assistir à festa. Atletas baianos vieram se revezando com uma tocha simbólica, durante os três mil quilômetros que separaram Salvador de Brasília. Naquela noite o presidente não dormiu. O salão nobre do Alvorada estava repleto de amigos. As vinte amigas de Mária e Maristela foram instaladas no andar superior, enquanto os namorados e amigos foram conduzidos pelo coronel Afonso Heliódoro a leitões improvisados no salão da guarda. Juscelino conferiu a agenda da reunião ministerial do dia seguinte, a primeira da nova capital, e abriu dezenas de telegramas de chefes de estados estrangeiros. Havia expedição, sorrisos, brindes. A maratona recomeçou aos oito da manhã, na Praça dos Três Poderes, com o toque de alvorada da bandas de Batalhão de Guardas, seguindo do hasteamento da bandeira nacional, já incluindo 22 estrelas. Meia hora mais tarde, o presidente recebeu no palácio o cumprimento de 55 embaixadores e de todos os oficiais-generais de terra, mar e ar. As novas e meia, instalaram-se os Três Poderes na nova cidade." (trecho de JK, *O Artista do Impossível*, de Cláudio Bojunga, Editora Objetiva, 2002).



■ fâmulas da comemoração, acervo do Museu Vivo da Memória Candanga

Nelson Rodrigues e irmão na Esplanada, em 21 de abril de 1960 ■

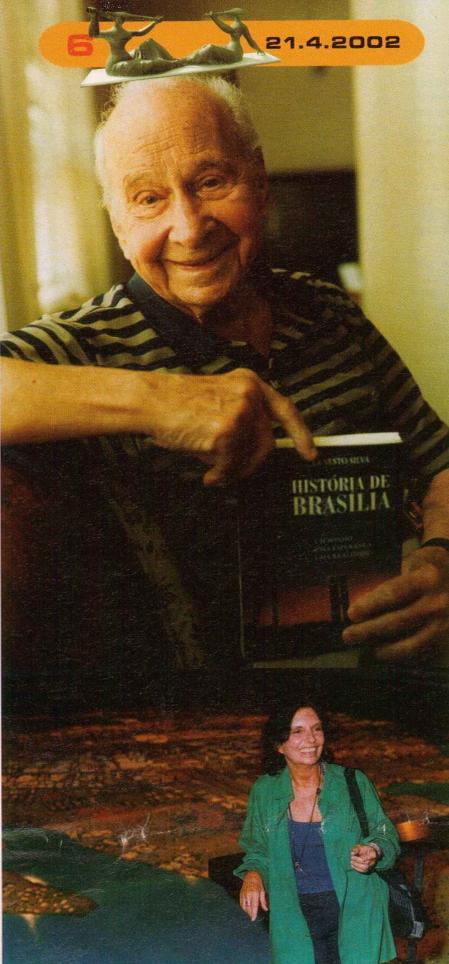
estátua de JK no Catedral ■

multidão no Planalto ■

movimento no aeroporto ■

autoridades na rampa ■

JK e Sarah na recepção do dia 21 de abril ■



Ernesto Silva

Maria Elisa Costo



Mercedes Urquiza

Memórias ampliadas com o tempo

Ernesto Silva

O dia da inauguração de Brasília foi um evento único no mundo. A verdade é que ninguém acreditava que a cidade estaria pronta e seria inaugurada. Em 1957, não havia nada feito, era só o cerrado e três anos depois você ter uma metrópole, é demais! Vim para a escolha do local em que Brasília seria construída e posamos em Planaltina no dia 5 de fevereiro de 1955. De Planaltina, viemos de jeep para o ponto mais alto do Planalto, que é o Cruzeiro. A impressão era de assustar, porque a gente divisava esse Planalto todo, o cerrado todo cheio de novidades pra quem vinha do Rio de Janeiro como eu. No dia da inauguração de Brasília, o que se viu também foi uma pompa misturada com a festa popular. As avenidas de Brasília ficaram, de repente, cheias de viaturas. Foi, pra nós, uma festa, mas por outro lado foi como se tivéssemos perdido um ente querido. Não havia só o gozo da inauguração, mas também um sentimento íntimo de que estávamos perdendo a cidade para os outros, os visitantes e convidados. (foi diretor da Novacap, fundou em Brasília a Associação Franco-Brasileira, e também é autor de Uma História de Brasília)

Maria Elisa Costo

Fui com minha irmã a Brasília para a inauguração. Na época, recém formada, eu trabalhava na Divisão de Urbanismo do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap – que funcionava no Rio, na sobreloja do atual Palácio Gustavo Capanema, e era conduzida com exemplar dedicação e competência pelo engenheiro Augusto Guimarães Filho, pessoa escolhida por Lucio Costa para desenvolver o Plano Piloto sob a sua supervisão. O doutor Guimarães era o “segundo homem” de Lucio, e o representava em qualquer situação, inclusive junto ao presidente Juscelino.

Um ano antes, em 1959, eu tinha ido a Brasília pela primeira vez, por ocasião de um Congresso de Críticos de Arte, congresso internacional que levou ao gigantesco canoteiro de obras que Brasília ainda era gente importante do mundo inteiro. Era emocionante aquele Brasil cheio de vitalidade e esperança, fazendo com suas próprias mãos brotar do cerrado sua nova capital, em meio à terra vermelha revolvida por todas as partes. E olhando a partir de hoje, o que mais me surpreende é como para nós era “normal” aquilo tudo estar acontecendo – o nosso país era assim. Para a inauguração, Helena e eu fomos num avião pequeno – não eram mais de uns seis lugares – e me lembro que no aeroporto Santos Dumont, quando meu pai viu o tamanho reduzido da aeronave, foi até à pista perguntar ao piloto se era mesmo seguro. A viagem durou quase quatro horas, e em Brasília ficamos hospedadas com Israel e Coracy Pinheiro, na Granja do Torto.

Da inauguração o que me ficou gravado na memória, além do clima geral de alegria, de orgulho, de prazer, foram as comemorações na Praça dos Três Poderes e o baile no Palácio do Planalto. Me lembro que armaram um tablado em frente ao Supremo para a banda dos Fuzileiros Navais, e quando, no meio dos holofotes e dos fogos, com a Praça literalmente repleta de gente, a banda tocou o Hino Nacional, me subiu uma emoção – certamente igual à de todos os que tiveram o privilégio de estar ali – que nunca tinha sentido antes ao ouvir o nosso hino: é como se ele passasse a fazer sentido de verdade, como se tivesse deixado de ser apenas uma coisa formal, que o tempo do colégio a gente era obrigada a cantar.

Acho muito difícil transmitir o clima daquele momento – talvez a melhor maneira de chegar lá seja ouvindo a Sinfonia da Alvorada, de Tom e Vinícius, que registra de uma maneira única o que foi fazer Brasília. A Sinfonia da Alvorada alterna a música quase “visível” do Tom com o poema do Vinícius dito por ele mesmo, e cuja primeira fala é: “No princípio, era o ermo.” E teve o baile, no Palácio do Planalto, baile a rigor, os homens de smoking, as mulheres altamente produzidas, com os cabelos “gionfles” e cheios de laquê – como mandava a moda da época – subindo pela rampa, numa cidade lá longe, no meio do mapa do Brasil, onde há três anos nada existia além do cerrado, e que meia hora atrás era só obra. Da festa, só lembro mesmo é do astral, e do meu vestido, que era de cetim cor de rosa!

Meu pai não foi à inauguração de Brasília. E assim como esta ausência desperta hoje a curiosidade, na época também as pessoas especulavam em relação aos motivos que o levaram a não ir, inclusive a revista americana Time. Passo a palavra ao próprio Lucio respondendo à revista Time, que foi publicada, acompanhada de uma foto de minha mãe: “Senhores, acompanhei e aprovei o desenvolvimento do projeto de Brasília a partir do escritório da Novacap no Rio, e penso que o desenvolvimento da ideia original resultou melhor do que a expectativa. Não vou lá por duas razões: primeiro porque desejei deixar o crédito total pela expressão arquitetônica e pela construção propriamente dita a Niemeyer e Pinheiro; e segundo porque minha mulher Leleta teria adorado estar lá, e preferiu dividir com ela o impedimento. Um acidente de carro levou minha mãe em 1954, três anos antes de meu pai ganhar o concurso para o Plano Piloto. (arquiteta e filha de Lucio Costa).”

Mercedes Urquiza

Lembro do dia inauguração da cidade como o dia mais emocionante da minha vida. Eu já morava no Plano Piloto, numa casa da W3 Sul, na quadra que naquele ano a gente ainda chamava de 31, hoje a 710. O dia foi a coroação de três anos de um ritmo alucinante, não só meu, mas de todo mundo que estava em Brasília. Você estava sempre ocupado e se saía às ruas eram os tratores, os operários, gente trabalhando. Eu mesma fiz de tudo, de vender material elétrico a cuidar dos primeiros imóveis da Novacap para vender. Pra mim, todo aquele tempo foi como nascer de novo e Brasília nasceu comigo, posso dizer, porque cheguei aqui em 57. Conhecia o Brasil só de férias quando um amigo me mandou pra Buenos Aires uns recortes falando de JK, da mudança da capital brasileira. “Vamos pra lá?”, perguntei pro meu marido, o Hugo Maschwitz, que era estudante de economia. Brasília nem existia no mapa. Nosso pedido de entrada no país foi aceito rapidamente, para surpresa nossa. Acho até hoje que a gente veio teleguiado pelo JK. No dia da inauguração, era gente chegando a pé, de carroça, de jeep, de carreta, de avião. As pessoas dormiam no carro. Lembro que recebi em casa uma família paulista quatrocentona, e a mulher trouxe travessieiro, água mineral, lençóis e ficou surpresa de encontrar uma casa já montada. O que foi marcante pra mim, entre tanta emoção, ocorreu na noite da inauguração, quando à meia noite toda a cidade ficou escura e os refletores iluminaram de repente a Praça dos Três Poderes e toda a cidade; o coração parou. Sou o sino que tinham trazido de Ouro Preto. Não consegui falar. Outra lembrança forte é o desfile dos mais emocionantes no Fíxião; além dos aviões, passaram todos os candangos nos caminhões, cheios de poeira, rasgados, e ovacionados pelo público. A gente também não esquece do momento em que o Juscelino saiu do Congresso, carregado no braço pelos parlamentares. Teve um momento em que um arco-iris apareceu no céu e o presidente interpretou aquilo como um sinal de prosperidade. Foi um encontro de gente do Brasil todo e do mundo também; estavam misturados embaixadores, povo, operários, militares, religiosos, coisa que nunca vi igual. (empresária e agente de turismo).

distribuição de fâmulas durante a comemoração ■

O cerrado se encheu de automóveis ■





Afonso Heliodoro

Afonso Heliodoro

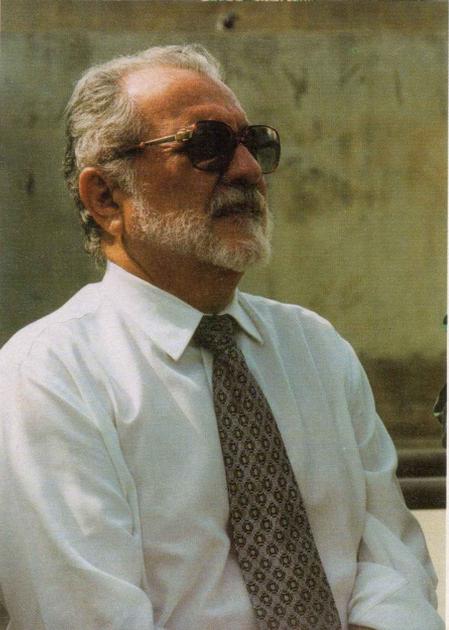
O 21 de abril foi um dia apoteótico. Emoções as mais variadas me vêm assim à cabeça, inclusive a sensação de ver realizado um trabalho que, inicialmente, muita gente, até mesmo alguns de nós, achava difícil que ficasse pronto. A gente tinha certeza de que ficaria, mas não que ficasse tão pronta assim. Tudo já estava funcionando, a água, a luz, a televisão. Toda cidade nasce em torno de alguma coisa, mas Brasília foi ao contrário. A cidade se preparou para receber o Palácio e o governo. Os visitantes. Foi como uma noiva que se prepara antes para receber os convidados. Já em 20 de fevereiro de 1960, ao lado do Palácio do Planalto, aconteceu um churrasco tremendo para receber a Caravana de Integração Nacional, com gente de todos os quadrantes, como disse Juscelino, percorrendo até mais de 2.200 quilômetros. Mas no dia 21, até baile teve no Palácio do Planalto, acho que o único na história do palácio. Onde Juscelino estava, havia dança. (Afonso foi assessor militar de JK, ex-diretor do Memorial JK, é diretor do Instituto Histórico e Geográfico do DF).



Mário Garófalo

Mário Garófalo

Desde 1946, trabalhei na sala de imprensa da Presidência da República. Conheci Israel Pinheiro ainda deputado, acompanhei a carreira de Juscelino Kubitschek. E vim pela primeira vez a Brasília com a Caravana de Integração Nacional, incentivado por ele, de certo modo. Isso aconteceu em fevereiro. Em abril eu estava de volta para fazer a transmissão das cerimônias de inauguração da capital. Eu ia para o Brasília Palace, mas quando lá cheguei estava tão lotado de autoridades, convidados internacionais e políticos que não havia mais uma vaga. Fui obrigado a dormir num colchão que usei no corredor. E naquele 21 de abril não parei de falar um só minuto, porque para todo lado que a gente se virava havia notícia. Um trecho formidável foi a queima de fogos à noite, que demorou mais de uma hora. Dois dias depois, encontrei-me com Juscelino e ele perguntou: por que você não vem morar aqui? Eu já estou morando, venha você também. E foi pedindo a um de seus auxiliares que arranjasse uma casa pra minha família. Fui diretor do Correio Brasiliense nos quatro primeiros anos da cidade e depois retomei o rádio, atividade que nunca mais larguei. (radialista e diretor da Brasília Super Rádio FM).



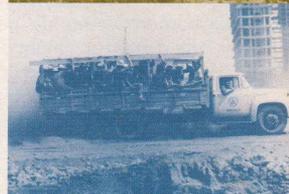
Jarbas Marques

Jarbas Marques

Eu trabalhava no jornal Hora de Brasília, que era editado em Goiânia, e já tinha vindo algumas vezes à cidade em obras. Já conhecia o Juscelino, mas sempre a distância. A primeira impressão que eu tive dele foi movida pela aparência e se mantém até hoje, a de um homem alegre, disposto. A gente vinha da siseudez do Getúlio Vargas. Com JK, o Brasil passou a ser alegre, a ter dinâmica, as mulheres ganharam espaço. Veio a Bossa Nova, não era mais aquela melancolia, aquela fofosa. O JK foi também o presidente mais elegante que o Brasil já teve, tanto no trato político quanto no trato pessoal. Você vê, por exemplo, aquela foto dele em plena Belém-Brasília, sentado ao pé de um imenso tronco de árvore, mas elegante, vestido de terno e gravata. Em Goiás, o movimento pela mudança da capital do Brasil era muito forte, e Brasília era inteiramente bem recebida. Meu pai dizia: o futuro de vocês está em Brasília. O ritmo de construção da cidade era contagiante. Brasília e JK mostraram pra todo o país que não era uma vergonha trabalhar. E depois havia aquela modernização que chamava a atenção de todos: em vez da enxada, tínhamos as máquinas que mais pareciam dinossauros com a língua de ferro, revolvendo a terra. O JK era um líder que conversava com os candangos, chegava de repente nas obras, inclusive de noite, levava uma conversa espontaneamente. Por isso, todo aquele cerimonial do dia da inauguração da cidade chocou a muitos, porque ninguém estava habituado. Havia, de qualquer modo, um clima de cordialidade tão grande que era como se todos se conhecessem há muito tempo. Uma solidariedade irrestrita. O frio naqueles anos era terrível em Brasília. E uma novidade da inauguração foi o aparecimento súbito das mulheres, que eram raras nos anos de construção da cidade. Uma trilha sonora que me ficou daqueles dias foi o número de rádios ligados, que os operários levavam colados ao ouvido, tocando desde Luiz Gonzaga, a Bossa Nova e dobrados patrióticos. Ouvia-se muito o Peixe Vivo. Era realmente um clima de entusiasmo e orgulho cívico como nunca mais vi igual. (jornalista e diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico da SC-DF).



todos vieram para a Praça dos Três Poderes



candangos vão para as obras

bibliografia desta edição

- BOJUNGA, Cláudio - **JK, O Artista do Impossível**, 2001, Editora Objetiva
 COSTA, Lucio - **Lucio Costa: Registro de uma Vivência**, 1995, São Paulo, Empresa de Artes
 COSTA, Lucio - **Relatório do Plano Piloto**, GDF/Arquivo Público, Codeplan e DePHA, 1991
 COUTO, Ronaldo Costa - **Brasília Kubitschek de Oliveira**, 2001, Rio de Janeiro, Editora Record
 HELIODORO, Afonso - **JK, Exemplo e Desafio**, Brasília, 1991, Editora Thesaurus
 KUBITSCHKEK, Juscelino - **Meu Caminho para Brasília e Por Que Construí Brasília**, 1974, Editora Bloch.
 NIEMEYER, Oscar - **Meu Sônia e Eu**, Rio de Janeiro, 1992, Editora Revan
 PAVIANI, Aldo - **A Conquista da Cidade - Movimentos Populares em Brasília**, Editora UnB, 1991.
 SILVA, Ernesto - **História de Brasília**, Senado Federal, 1985
 REVISTA BRASÍLIA - Coleção da revista editada pela Novacap, arquivo do DePHA e também no Arquivo Público
 Jornais da época - Arquivo do DePHA

Juscelino Kubitschek de Brasília



Ronaldo Costa Couto ■

Um perito elegante e pé-de-valsas holístico

A história de Brasília e de Juscelino Kubitschek de Oliveira se confundem no livro do economista e historiador Ronaldo Costa Couto, lançado em 2001 pela Editora Record. Em *Brasília Kubitschek de Oliveira*, Ronaldo escreve sobre a história do país nos últimos 40 e poucos anos, tomando como ponto de partida a indagação sobre o sonho e a determinação de JK em construir Brasília. Para o autor, Juscelino foi um "coração cheio de sonho e um homem capaz de pensar grande e realizar", além de ser também um extraordinário formador de equipes de governo. O melhor deste líder político e sonhador está aqui em Brasília, aponta o livro de Ronaldo Costa Couto.

presidente na Belém-Brasília ■

O economista e historiador Ronaldo Costa Couto lançou no ano passado um dos mais curiosos livros sobre a trajetória política de JK. O livro chama-se *Brasília Kubitschek de Oliveira* e deixa Kubitschek e o quanto há de kubitschkeano em Brasília. Mineiro apaixonado por Brasília, foi governador do DF por um breve período. Para Ronaldo Costa Couto, JK foi "um perito em emprestar imponência, dimensão e profundidade a acontecimentos públicos".

No centenário de nascimento de JK, o que de mais importante vem sendo apresentado ao público em geral? Que contribuições um evento como esse traz a uma das principais personalidades da história brasileira?

A atualização da figura de um estadista como JK é fundamental pra nossa cultura. Por isso, há um conselho nacional e uma comissão executiva nomeados pelo Ministério da Cultura tratando desse centenário. Há um Brasil de antes e outro de depois de JK. Foi o mais importante governante brasileiro e responsável pela inserção do Brasil na modernidade. Juscelino é desenvolvimento e democracia.

Como você interpreta os sinais místicos em torno da figura de JK? Ele mesmo, como veria essas associações com farós, com um destino espiritual, por exemplo? JK era místico, a seu modo. Diamantina, cidade em que nasceu, é um pólo de religiosidade. Ele chegou a ser coroinha na igreja. Escolheu Nossa Senhora da Luz como sua santa de devoção e ao mesmo tempo se consultava com Chico Xavier e outros oráculos pelo país. Por outro lado, desde cedo ele se interessou pelo mundo dos farós, pelo Egito e, particularmente, pelo faraó Akhenaton.

JK em sua primeira visita ao futuro DF ■



revistas expostas no Catechinho ■

Dragões na rampa do Planalto ■

Em 1930, Juscelino visitou o Egito e parece que a viagem serviu, para ele, como uma visão que iria dar em Brasília. O faraó Akhenaton fundou uma capital nova para os egípcios, substituindo a antiga Tebas.

Que fatores levaram JK a se identificar com tanto brilho e empenho com a vida goiana do Planalto, quando da construção de Brasília, a ponto de dizer-se um candango? Era um homem do interior, um menino de Diamantina, mas também um cosmopolita que ia habitualmente à Europa e aos Estados Unidos. Ele tinha fascinação pelo interior, pelo sertão do Centro-Oeste. Há uma identificação muito forte entre mineiros e goianos. São frequentes as histórias de suas visitas inesperadas às obras, quando Brasília estava em construção, e mais famosas ainda as suas serestas e predileção pela vida no campo.

Há fatos históricos e dados biográficos de JK que ainda precisam de pesquisa, estudo, interpretação? A vida de JK é muito surpreendente, rica. O período que vai de 33 a 76, por exemplo. Ou o tempo dele no exílio. Além dele, sua época também é um campo cheio de assuntos polêmicos, de informações que permanecem inéditas, de produção intelectual, artística e cultural.

Em seu livro, como é o dia em que Brasília foi inaugurada? JK não sofreu por deixar a cidade apenas um ano depois de inaugurada? A inauguração de Brasília, ele disse várias vezes e escreveu sobre, foi o mais emocionante da vida dele. Juscelino chorou mais de uma vez, naquela semana de inaugurações e mudanças. Ele não estava bem de saúde naquele abril de 60 e estava com dois médicos ao lado dele. Mas aquele 21 de abril foi pura alegria. Juscelino Kubitschek dizia que tinha três filhas: Mária, Maristela e Brasília.

Como se mantém o mito JK na vida cotidiana brasileira? Pretende escrever ainda algum livro sobre o assunto? Brasília tem a cara dele. Os brasileiros aprenderam muito com Juscelino a valorizar o Brasil. Era um político, um presidente, que sorria, jovial, um dos brasileiros mais felizes que já se viu. Agora, estou iniciando as pesquisas para um livro sobre a família Matarazzo. E participo de vários eventos em torno do centenário de JK.

JK na Cidade Livre ■

